A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGAANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.5585

Sábado, 26 de Janeiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Combro, 38-A, 2.º ◇ Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A Câmara Municipal, que tam lindas promessas nos fez, autorisou o aumento do preço das assinaturas dos carros eléctricos.

As Escolas Primárias Superiores

Comentários azedos à obra do actual ministro de Insstrução, luminar da «Seara Nova», alta montanha da pedagogia que afinal deu à luz um rato

Serena autópsia ao ratinho recem-nascido

Cada govêrno extraordinário que sobe ao podêr, como o do sr. Alvaro de Castro, tem para nós a virtude, de mostrar, por uma nova face, a podridão, cada vez mais profunda, do regime burguês.

Vinha há muito a *Seara Nova* erguendo o seu protesto contra os estreitos e baixos processos da governança pública. Politicamente dentro da acanhada ideologia republicana, a *Seara Nova* não deixou por vezes de falar alto, pelo que contraiu elevadas responsabilidades de ordem moral e social.

O sr. Alvaro de Castro pediu homens à *Seara Nova* para o seu govêrno. Esta, de entre os seus maiores, mandou-lhe o sr. António Sérgio para ministro da Instrução.

E depois?

Depois, como a *Seara Nova*, quando fora e acima da grande porca, fizera rasgadas afirmações de consciência; e como o sr. Antônio Sérgio é considerado um dos primeiros valores mentais da nossa terra, houve quem do actual ministro da Instrução só esperasse as mais rasgadas e altas medidas.

Depois de sua ex.ª dar à luz a Junta Orientadora dos Estudos, os bons dos nossos crentes esperavam que o seu homem, fugindo aos contactos mortíferos da grande porca, subisse às altas regiões da *Orientação*, congregando as energias positivas de todo o ensino, irradiando luz potente, amorosa e criadora sôbre esta triste charneca que é o analfabetismo intelectualista de Portugal.

Assim, houve quem esperasse que o senhor António Sérgio, vendo o organismo social crivado, sugado e desnorteado por espessas nuvens de parasitas diplomados, transformasse os liceus, como medida de salvação pública, em escolas de continuação, de educação integral, ou de qualquer outra coisa útil que não tivesse portas para a mesa do orçamento. Houve até quem asseverasse que a envergadura moral do sr. António Sergio não permitiria que no orçamento da instrução se cortasse um só centavo, enquanto não fôssem enviados aos nossos milhões de analfabetos os 3000 professores que aí andam miserávelmente por gazetas e ministérios a pedir pão e trabalho.

Os optimistas incorrigíveis traziam assim o ministro da Instrução da *Seara Nova* pelos píncaros da lua, quando a montanha lhes pariu um rato.

* * *

Ao sr. António Sergio, afinal encerrado entre as quatro paredes do seu gabinete do Terreiro do Paço, faltou-lhe o oxigénio, toldou-se-lhe a razão e perdeu a noção das responsabilidades. Uma vez dentro da pocilga da grande porca, desceu mil furos solicitado e absorvido pela estreita mas poderosa esfera mental dos brutos. Em frente do panorama do ensino, dos seus defeitos, arma em banalíssimo político: abre os olhos para uns, fecha-os para outros, deixa infiltrar-se de ódios e, num gesto de vai ou racha, assim à Cunha Leal, extingue as escolas primárias superiores, como quem decreta por atacado, a moralização pedagógica e financeira da República. Na mesma altura disseram os jornais que o sr. ministro da Instrução ia consultar o presidente da associação dos professores dos liceus sôbre a economia a fazer nos mesmos... Que admirável igualdade de tratamento! A fragilidade do barro humano! No que deram os planos de resurgimento nacional, os sistemas reformadores de conjunto, harmónicos e justiceiros, da «Seara Nova»!

Nêste grande baldio de políticos e banqueiros; nêste gamelão de grandes tubarões; nêste coio de favoritismos; nesta viçosa e espessa seara de plantas daninhas que se chama Portugal, o gesto do sr. António Sérgio, como representante da «Seara Nova», é, moralmente, uma alta imoralidade!

O sr. António Sérgio faria mil vezes mais em favor da instrução do povo e do pobre doente que é a educação nacional, vasando as escolas primárias superiores nos moldes precisos e e orientando generosamente o seu pessoal docente em vez de o despresistigiar, o que constitue uma afronta revoltante, no meio de tantos serviços inuteis e de tanta incompetência.

Dir-se-ia que o sr. António o Sérgio, repêso de ter andado arredio da República, uma vez sob a carícia dodos seus amores, fôra perturbado em seueus equilíbrios mais fundos e, num ímpeto de tardia dedicação, jurara arranncá-la da prostituição, tornando reus de todos os crimes da vida pública nacionnal, uns certos parias chamados professoores primários superiores, muito a geeito para bodes expiatórios de todos os pecados de reacionários, políticos e banqueiros dêste baldio...

* * *

Mas dissequemos o rato e tiremos conclusões.

Abramos primeiro a barriga do pequeno bicho para lhe esvasiar as tripas. Que tem dentro? Diarreia de ódio concentrado, com uns pequenos vermes muito mexidos que são os actuais cuidados políticos daquêles que longa e impunemente levaram o país à ruina em que se encontra.

Conhecido o conteúdo intestinal, fácil seria advinhar o resto. Prossigamos, porém. Abramos a cabeça ao animáculo que é o orgão que nos deve dizer o fim da sua vinda ao mundo. Pelo seu exame verifica-se que se não trata principalmente de reduzir despesas porque a grande maioria do pessoal das escolas primárias superiores fica adido com vencimentos; trata-se, pois, principalmente de «moralizar», obrigando os professores a provarem competência.

Por mais que se aprofundde, não se descobre nada que se refira ao destino dos alunos das escolas extintass, a 30 de Março, depois emendado para 30 de Junho. Nada! A petizada não entra nos negócios das pessoas grandes.... Era o que faltava, dar satisfações aoss garotos. Êles já estão acostumados às coisas truncadas: uma cabriola por um puxão de orelhas, um bom sono pelos ralhos dos vizinhos desavindos, um bom govêrno por uma revolução. E' mais uma coisa que não acaba! Os hábitos de trabalho? as esperanças, as emoções, os sonhos da petisada? Isso são coisas transcendentes, para considerar qnando o sr. Antônio Sérgio entender.

Por enquanto a gente portuguesa deve vêr destruír, porque lhe está isso na massa do sangue. O sr. ministro da instrução conhecendo profundamente a psicologia do meio em que actua, bem sabe o que faz. ¡E a gente com receio que sua Ex.ª desse maus exemplos às crianças!...

* * *

Está à vista o interior do rato.

Este precioso exemplar, produto directo da desordem do estado burguês e da sua estreita conduta e destrutiva engrenagem que faz pigmeus os gigantes, é um curioso documento da participação da «Seara Nova» no poder por intermédio de um dos seus mais cotados valores.

Desta singela análise se conclui, pelo menos, que a «Seara Nova», esquecendo os seus protestos contra a moral das oligarquias políticas que nos teem dominado e envilecido, conformemente com essa moral agiu, não tendo pejo de extinguir escolas e chamar incompetentes aos seus professores, antes de encerrar casernas e exigir competência a todo o funcionalismo; que o sr. António Sérgio com o pequeno decreto que extinguiu as escolas primárias superiores se estendeu a todo o comprimento moral da sua grande e justificada reputação pedagógica.

Se isto não é ir a pique, se não é uma queda, confessai connosco que a vasta charneca da política portuguesa era um pouco mais pequena antes da «Seara Nova» descer ao poder.

São estas e outras que fazem o septicismo do proletariado e que dão aos mais dourados reformadores o triste aspecto de pobres delta-gatos do regime burguês.

CARTA DE ESPANHA

A casa que não é do povo

Uma instituição socialista que explora operários, adula a burguesia e ataca o sindicalismo

MADRID, 21.—Nunca, como neste momento se falou tanto e tam elogiosamente do partido socialista operário. A burguesia, e com ela as autoridades teem descomunais elogios à chamada Casa do Povo desta cidade que como a sua dilecta irmã, a «Casa do Povo» de Barcelona nada teem que pertença ao povo. As suas tendências políticas fazem afastar os proletários que não comungam nas simpatias dos nédios socialistas e republicanos seus dirigentes.

Uma «Casa do Povo» onde se proíbe a venda da imprensa sindicalista, comunista e anarquista, não passa duma casa do partido socialista. Os socialistas verdadeiros senhores da Casa do Povo empregam todos os meios de repelir os operários que perfilham ideas avançadas. Expulsam-nos por recear que êles contaminem os membros das sociedades lá instaladas que vivem dominadas pelo socialismo de Pablo Iglesias e Largo Caballero. O conselho de administração dessa Casa do Povo explora-os o mais que podem. As sociedades ali domiciliadas além de pagarem uma forte contribuïção, pagam ainda por cada vez que necessitem de realizar assembleas.

O funcionamento da Casa do Povo está em conformidade com as tacticas da famosa «União Geral dos Trabalhadores» que, na realidade, provoca a desunião entre o proletariado. No último Congresso, sob o pretexto do debate travado entre socialistas e comunistas, foram expulsos todos os que não concordavam com a orientação da Casa do Povo.

Os individuos que, com a sua rabulice, conseguiram fazer-se nomear secretários dessas sociedades, agarram-se de tal modo aos cargos que chegam a torná-los vitalícios. Não há imoralidades capazes de lhes fazer perder o lugar. Nem mesmo casos graves, como seja o de desvio de fundos, como sucedeu com o secretário do sindicato dos serventes de pedreiro, que foi levado aos tribunais.

Existem individuos que pertencem ao tribunal industrial ou ao Instituto de Reformas Sociais, cobrando os seus direitos como a coisa mais natural dêste mundo. Outros há que recebem uma gratificação de 75 e mais pesetas por figurarem os seus nomes como directores de jornais que aparecem semanalmente, consistindo todo o seu trabalho em pôr por ordem o original e levá-lo à tipografia.

O general duque de Tetuan que é a primeira autoridade da provincia, quando visitou a Casa do Povo, afirmou que ela era um modelo de virtudes. No órgão dos reformistas *El Socialista* encontram-se periodos como êstes:

«Ontem de tarde visitou a Casa do Povo, o duque de Tetuan, governador civil e militar de Madrid.

O objectivo da visita foi exclusivamente o desejo de conhecer o domicilio da classe trabalhadora e a instalação e funcionamento das secretarias. Vários membros do conselho de administração da casa mostraram ao governador os salões de reünião, a bibliotéca, os serviços da casa, e algumas secretarias, entre elas a dos pedreiros, da Federação da Construção Civil, da União Geral dos Trabalhadores e dos condutores de carruagens. O duque de Tetuan fez várias preguntas sobre o funcionamento burocrático das Sociedades.

Acompanhavam o duque de Tetuan, o comandante sr. de La Cerda e o capitão Giol».

El Socialista, nunca como agora atacou tam violentamente o sindicalismo e as suas organizações. Tambem é verdade que nunca gozou de tanta impunidade nos seus ataques. A censura deixa passar generosamente os artigos que atacam a C. N. T. Os socialistas aproveitam-se da censura que os beneficia para atacarem os sindicalistas cujos jornais sofrem grandes cortes e cuja vida e luta alguma coisa representa para a consecução da emancipação da classe trabalhadora.

Desde Pablo Iglesias a Exofet, Duran, Fraile, Largo Caballero e companhia, todos arranjaram um vocabulário enérgico para atacar a organização sindicalista porque o momento da ditadura militar torna propício o ataque.

Não encontram atenuantes para abster-se de cair em cima do sindicalismo, encontram apenas oportunidade para fazer adeptos para as suas tendências e leitores para o diário mais insípido que em Espanha se publica.

A burguesia bate as palmas de contente com êste ataque ao sindicalismo. Tal é a obra sociológica do avariado socialismo espanhol.

Mário POMMERCY

COLABORAÇÃO DE ALEM-ATLANTICO

ANTE MELHORES DIAS

O valor do Sindicalismo como meio revolucionário — A necessidade de organismos extrâ-sindicais

Estamos de novo no limiar de acontecimentos que fatalmente se hão de reproduzir, e aos quais estão ligadas intimamente as aspirações do proletariado organizado. E de novo se apresentam problemas em sua instância decisiva, com os mesmos pontos de observação que em ocasiões passadas determinaram divergências de metódo e de orientação.

Após uma temporada de esgotamento por que passou a organização operária, sucede-se agora uma espectativa que mais se anima à medida que se firmam horisontes perdidos e os ânimos parecem serenar diante a imperiosa necessidade de um reconfôrto geral na vida militante.

O sindicalismo, tábua onde o proletariado gravou a essência de suas aspirações, definindo sua doutrina, parece querer agora desembaraçar-se dos obices que o envolveram durante o desabrochar das ideas que reflectiu no decorrer das lutas que sustentou.

Aproximam-se, dêste modo, tempos novos, melhores dias.

Contudo permanecem ainda entre o ambiente que se aclara os pontos por que é necessário passar e cuja importância capital não pode ser posta em dúvida, sob pena da ameaça das situações já experimentadas e que hoje, de posse dos ensinamentos adquiridos, será êrro imperdoável suscitá-las de novo.

Ainda devem perdurar no espírito daqueles que sentiram os dias felizes das afirmações do sindicalismo, os resaibos da fé depositada na greve geral revolucionária a quem o tempo e as contingências da luta desfibrou, envolvendo-a numa desorientação desastrosa.

Este é um dos úbices a vencer no caminho que se abre, e de tal urgência que qualquer hesitação não encontra já justificação plausivel.

Ao poder económico das sociedades cada dia mais lhe falecem os meios para encobrir sua acção hipócrita e assamparcadora perante o poder político, considerado nas democracias modernas como poder regulador da vida das nações, o qual, exercido por políticos profissionais ou por criaturas ignorantes das condições reais da vida social, dá-nos hoje o espectáculo grotesco de governos com um sem número de propósitos sem ideas, que se sucedem constantemente uns aos outros; e formados por modos os mais estravagantes que se conhecem, como notadamente na Alemanha, na Espanha, em Portugal e até mesmo na própria Inglaterra, tida até hoje como o país da sobriedade política.

Realiza-se assim o que se previa com os insucessos sofridos pelo proletariado depois da guerra. A burguesia, na ânsia em querer confundir-nos, acabou confundindo-se. Nem mais nem menos, e isto, por si só, nos convida a fazermos mais alguma coisa.

Comecemos pela organização sindical. Esta necessàriamente têm que orientar-se sempre na idea da posse dos instrumentos de trabalho, ponto básico da sua emancipação, no que se presume, muito lògicamente a greve geral revolucionária como meio de realização.

Mas os revezes da luta apresentam-nos também uma série de realidades com as quais não se contava, e cujas não se pode negá-las nem escondê-las.

Todo o revolucionário hoje tem que acrescentar ao seu programa de luta, além das injustiças sociais a debilidade moral que avassala as sociedades porque a luta não se desenha, como superficialmente parece, em tôrno de interessados em reivindicar direitos ou protestar contra injustiças o que tornaria, se assim fôsse, iniquivoca a luta.

A greve geral, cujo poder presumível se resume no simples crusamento dos braços, só será possível hoje se antes se conseguir restaurar as perdas morais sofridas e de que foram vitimas, em grande percentagem, as classes proletárias. Seria necessário primeiro fazer vibrar o sentimento de dignidade, hoje tão apagado nos tempos que correm. E ainda mesmo que se consiga tal, ao bom êxito da greve geral se apresentam outros pontos que, por razães identicas, corroboram a negativa de que o «sindicalismo se basta» o que não impede, de modo algum, que êle continue sendo, como aliás deve ser, uma escola de educação revolucionária e ao mesmo tempo um método de luta com capacidade própria.

Forçosamente todo o revolucionário tem que partir do princípio de que êle representa uma minoria a lutar não só contra os êrros de organisação social, como também e sobremodo, contra os efeitos da moral burguêsa que pesam grandemente sôbre todos os homens.

A revolução a realizar-se, tem, pois, que ser procurada entre os elementos contraditórios do sistêma capitalista, por entre os seus êrros e absurdos, e não como é fácil supôr-se, entre o ambiente própriamente nosso, porquanto êste é uma pura abstração dentro da sociedade actual.

Sem ser preciso ferir os pontos de vista do sindicalismo revolucionário, ha que reconhecer, qualquer que seja o campo em que nos coloquemos, se é que quer ser-se sincero, que a idea de um organismo extra-sindical, revolucionário, não deve continuar sendo combatida, nem vista com azedume como tem sido olhada até aqui, se é ainda que se deseja a vinda de melhores dias.—Rio de Janeiro, 18-1-924.

Izidoro AUGUSTO.

NOTAS & COMENTARIOS

Popularidade

O sr. António Sérgio, ministro da Instrução, que tem a fobia das Escolas Primárias Superiores, passou anteontem um mau bocado no Centro António Maria Baptista, onde esteve, a convite da mesma agremiação a assistir a uma sessão que ali se realizou. Quando o sr. Sérgio expunha as suas ideas pedagógicas foi interrompido por piadas desconcertantes, das quais damos algumas amostras:

—Traidor! E' um traidor.

—Abaixo os jesuítas!

—O senhor é republicano?

E ainda outras como esta:

—Senhor ministro, porque é que a sua mulher não entra para a Liga das Mulheres Republicanas?

Como se vê, o sr. António Sérgio vai-se tornando imensamente popular...

Arte antiga

Na próxima segunda-feira será inaugurada no Museu de Arte Antiga a sala em que se encontra a colecção de objectos de arte legados àquele museu pelo conhecido coleccionador e crítico de arte Luís Fernandes. A ceremónia assistirá o presidente da república. A direcção daquele estabelecimento convida também os «Amigos do Museu» a comparecer no mesmo dia, pelas 14 horas.

Sociedade de artistas

Um bom número de artistas, entre os quais, alguns de acentuadas tendências modernas em arte, esta organizando uma sociedade que terá por fim não só salvaguardar os interêsses materiais dos seus associados, como promover um forte movimento artístico e literário. Sabemos que os estatutos da referida sociedade já estão elaborados e que muito em breve serão levados à sanção da primeira assemblea geral.

E' ou não é?

Parece que o sr. António Sérgio anda com pouca sorte. Já não são apenas os freqüentadores do Centro António Maria Baptista que duvidam do seu republicanismo. No próprio parlamento o sr. Sá Pereira o atacou nesse traço, lembrando que, quando da proclamação da república, o actual ministro da Instrução quebrara a sua espada para não servir o novo regime.

Pela primeira o sr. António Sérgio se confessou republicano, ontem na Câmara dos Deputados porque seria evidentemente escandaloso declarar-se monárquico..

A's vezes a vida arma dêstes sarilhos, obrigando uma pessoa a declarar que é o que afinal de contas não é...

Escolas Primárias Superiores

O ministro da Instrução conferenciou ontem demoradamente, com os conselhos escolares do Instituto Superior Técnico e do Instituto Superior do Comércio, sôbre a remodelação das Escolas Primárias Superiores.

A Classe Telégrafo-Postal

As suas justas reclamações e o desprêêso do Estado por queles que trabalham

Fechem-se as casernas que já se poupa dinheiro parra pagar a quem merece

A classe telegrafo-postal que tem um passado de altivez e dignidade profissional dignas de menção encontra-se descontente. Muito dos seus componentes afirmam que a oposição tenaz que se tem feito às suas reivindicações impregnadas dum bem patente espirito de justiça, está tomando já um aspecto de troça. E uma oposição séria à vontade duma classe inteira, uma oposição de troça indigna.

Não compreendemos o motivo porque tantas objecções e entraves se estão colocando perante as reclamações da classe telegrafo-postal. As receitas postais acabam de ser consideràvelmente alargadas com o último aumento de tarifas que tanto prejudica o país. Não se compreende que o país se sacrifique, desde que êsse sacrifício não traga qualquer benefício: ¿Porque não se aplicam parte das receitas no aumento de vencimentos da classe telegrafo-postal cuja situação económica é lamentável? Não há dinheiro? ¿Então a decantada compressão de despezas de que serve?

Parece-nos que a compressão de despesas deve obedecer a um elementar critério de justiça: cortar nas despesas inuteis e aplicar utilmente as receitas. Pagar bem a quem bem serve é um dever do Estado A classe telégrafo-postal deve, portanto, ser beneficiada.

O Estado está gastando, ou melhor desperdiçando rios de dinheiro com um exército inútil—e o exército o custa-nos anualmente cêrca de 250.000 escontos.

E porque não manda o Estado fechar as Escolas de Guerra e Naval, i, deixando abertas as Primárias Superiorores que de alguma cousa servem e não lo custam tanto dinheiro à nação.

O que não se compreende é que aqueles que trabalham aqueueles que, como os telégrafo-postais, sãão utilíssimos ao país, estejam passando privações só para que o Estado se dê ao luxo de sustentar por tôda a a parte casernas que roubam braços aoo trabalho fecundo.

Do sr. Luís Cipriano dele Araujo, Chefe de Divisão dos Correicios e Telégrafos, a quem há dias os seeus colegas fizeram a grande manifestação de simpatia, a que *A Batalha* largagamente se referiu, escreve-nos uma cartrta esclarecendo algumas afirmações vinindas a público.

Diz o sr. Araújo que o motivo que o levou a pensar na demissão do seu lugar não se filia em insolènciacia ou acto de hostilidade da parte do sr. sr. António Maria da Silva limitou-se a m manifestar a sua divergência de vistas e de opinião sôbre o trabalho pelo sr. Araújo elaborado, aprovado unanimemenente pelo Conselho de Administração e confirmado pelo administrador geraral interino.

Livros para ensino secundário

Reüniu ontem, demoradamente, a comissão de escolha de livros para o ensino secundário, apreciando as obras apresentadas na primeira e segunda secções.

O "Parsifal" de Wagner

Abre na terça-feira o teatro de São Carlos, estreiando-se a sua companhia de ópera lirica com o «Parsifal» de Wagner. Obra prima do grande compositor revolucionário, poucos dos nossos leitores a conhecerão e muitos poucos a poderão ouvir pois os preços dos espectáculos em São Carlos não estão ao alcance das nossas bôlsas. No entanto, música e poema do «Parsifal» teem intuitos filosóficos dignos de serem conhecidos. Por isso não se dirá que seja sem utilidade para o público e sem oportunidade para o Suplemento literário de *A Batalha*, de segunda-feira, dá a conhecer em síntese o argumento da ópera «Parsifal» salientando os principais feitos, motivos da música que completam a concepção dramátic

UM PULHA

Um pseudo-jornalista brasileiro que a si próprio se define como caluniador

Os leitores não esqueceram ainda aquele cavalheiro que dá pelo nome de Orestes Barbosa. Esse «vigarista» que veio há tempos a Portugal e por aí andou a dizer a tôda a gente que era jornalista, esteve na nossa redacção de visita e tendo conversado alguns momentos com um nosso redactor, escreveu para a *Pátria*, do Rio de Janeiro, um artigo torpe onde se deturpavam tôdas as palavras dêsse nosso camarada. Chegou a afirmar que *A Batalha* defendia os atentados bombistas e outras atrocidades de arrepiar os cabelos.

Pois êsse cavalheiro que a mesma *Pátria* há tempos repudiou acaba de publicar no mesmo jornal a seguinte declaração que que só o homem de baixo estôfo moral pode firmar:

DECLARAÇÃO

«Eu abaixo assinado, Orestes Barbosa, autor do romance intitulado «A Fêmea», (editado por Jacinto Ribeiro dos Santos, estabelecido à rua de S. José, n.º 82, nesta capital), venho declarar, a bem da verdade e da justiça, que as torpesas contidas no citado livro, sob a epígrafe «Pedagogia», com referência ao nome do professor Júlio César de Melo e Sousa, não passam de uma il calúnia por mim assacada com o fim de atrair para meus escritos, por meio do escândalo, a curiosidade pública, e obter por êsse processo, o melhor êxito pecuniário com a aludida publicação. A presente declaração destina-se especialmente a elucidar sôbre o caso as pessoas que ainda não estejam bem informadas de meu carácter, de meus processos jornalísticos e da natureza, fins e conseqüências das publicações que tenho feito.

Rio de Janeiro, em 8 de Janeiro de 1924. — Orestes Barbosa (Assinatura sôbre estampilha federal de mil réis)».

Segundo o mesmo jornal informa, o editor Jacinto Ribeiro dos Santos, a que a declaração se refere foi burlado pelo Orestes Barbosa.

Não necessitamos de fazer comentários, porque a voz do burlão é bastante eloqüente.

Política inglesa

A burguesia francesa descontente com a má visinhança

PARIS, 25. — A imprensa, comentando os discursos pronunciados no parlamento inglês, que Sir Edward Grey caíu em contradição quando, depois de ter afirmado que a França durante a guerra invocou constastantemente o Direito e a Justiça e que o Tratado de Versailles representa a a vitória do Direito, censurou que se tivessem concluído certos acôrdos defensensivos entre vários Estados, pelos quais ais êstes se comprometem a detender e ge garantir o Direito.

O *Journal des Débates*, e refutando esta censura, declara que êssesses acôrdos justificam-se pela necessidadade em que se encontram os Estados mamais expostos aos riscos de uma nova ga guerra, de garantir as resoluções tomadasdas no Tratado.

Referindo-se depois aos acôrcôrdos franco-tchecoslovaco e italo-yugoslavo, diz que êles continuam a obra da da Pequena Entente e dos Estados Bálticos, e que a Inglaterra devia associar-se a essas convenções.

O *Temps*, comentando também a situação ingleza, diz que a primeira preocupação do govêrno trabalhista é a solução da greve ferroviária, e que o sr. MacDonald procura abordar imediatamente os grandes problemas mundiais, principalmente o reconhecimento do govêrno dos Soviets, a suspensão dos trabalhos da base naval em Singapura e o alargamento do campo de acção da Sociedade das Nações.

Morte de Lénine

MOSCOVIA, 25.—Apesar de um frio intensissimo uma enorme multidão tem desfil do respeitosamente perante o caixão de Lénine.

A questão dos eléctricos

A Câmara das boas promessas consentiu no aumento do preço de assinaturas

Ontem, na sessão extraordinária da Câmara Municipal, foi lido o oficio da Companhia Carris de Ferro, já de conhecimento público, por ter sido tratada em sessão da Comissão Executiva respeitante à emissão de bilhetes de assinatura válidos por mais de seis meses, para assim permitir a Câmara o estudo cuidadoso para elaborar as bases do novo acôrdo, sendo o preço dos bilhetes 550$00.

Sôbre o assunto usa da palavra o dr. sr. Daniel Rodrigues, que manifesta a sua plena concordância com a atitude tomada pela Comissão Executiva na sua última sessão, não reconhecendo à Companhia o direito de alterar as suas tarifas e conseqüentemente o preço das assinaturas, que são uma tarifa. Depois de largas considerações apresenta a seguinte proposta:

«Proponho que a Câmara autorise a elevação de preço dos passes na proporção das tarifas em vigor aplicando-se a fórmula anteriormente aprovada entre a Companhia e a Câmara (contracto de 28 de Março de 1922). A Comissão Executiva ficará auctorizada a acertar êste caso com a Companhia dentro do princípio exposto.»

Ainda sôbre o assunto usam da palavra os srs. Nunes Loureiro, José de Abreu e Lima Bastos, que se manifestam de acôrdo com o modo de vêr do sr. Daniel Rodrigues e se referem ao facto da Companhia ter elevado o preço dos passes sem autorização da Câmara e em quantia superior à resultante da aplicação da fórmula indicada no contracto de 28 de Março de 1952.

O sr. Elísio Augusto dos Santos, em nome da minoria, também se manifesta de acôrdo com a proposta do dr. sr. Daniel Rodrigues, a qual é em seguida aprovada por unanimidade.

POINCARE

quer valorizar o franco

PARIS, 25.—O sr. Poincaré apresentou ao parlamento um projecto de lei autorisando o govêrno a proíbir a importação de determinados artigos estrangeiros, afim de evitar a emigração de numerário e contribuír assim para a valorisação do franco.

As reparações

LONDRES, 25.—Nos circulos oficiais julga-se que os trabalhos da comissão de técnicos nomeada para examinar a situação financeira alemã serão coroados pelo êxito, a que virá modificar por completo a questão das reparações e assegurar o restabelecimento da paz em toda a Europa.

A fé cristã e a sociedade futura

A Ressurreição, o último livro de Manuel Ribeiro e que, menos que os dois anteriores que constituem a conversão do autor à igreja, se pode classificar romance mas apenas uma obra de propaganda religiosa em forma dialogada se bem que magistralmente escrita, *A Ressurreição*, de Manuel Ribeiro, defende a tese de que todo o ideal social está condenado a fracassar se não encarnar simultaneamente um ideal religioso. Nêsse livro confronta-se o anarquismo com o cristianismo, o idealismo com a religião, e conclue pela apologia da fé cristã.

Mas será, realmente, preciso procurar na religião o elemento renovador da humanidade?

A esta pregunta, que a leitura do livro sugere, responderá o nosso amigo dr. Campos Lima no número de segunda-feira do Suplemento literário de *A Batalha*.

42